

# JUVENTUDE E PENTECOSTALISMO: PARTICIPAÇÃO SOCIAL EM CONTEXTO DE FAVELA

Geíse Pinheiro Pinto/UFMG

Claudia Mayorga/UFMG

## *INTRODUÇÃO*

No campo científico contemporâneo, a participação política da juventude tem sido alvo de constante discussão. Debater a construção de identidades sociais, coletivas e políticas dos jovens na esfera pública é uma tarefa importante, principalmente quando as críticas sobre a participação dos jovens tem se referenciado por canais mais institucionalizados. Os estudos acerca da juventude têm apresentado duas percepções acerca dos processos de mobilização e engajamento das juventudes: a) a constatação do desinteresse e da apatia dos jovens pelas formas tradicionais de participação política (movimentos estudantis, partidos políticos, sindicatos, processos eleitorais) b) em contrapartida, a emergência de novas formas de interpelação política na esfera pública, através da cultura, religião, lazer, ação solidária, dentre outras. Segundo esta concepção, existe uma descrença, por parte dos jovens, nos modelos tradicionais de ação política e uma reinvenção das práticas democráticas. Esta última perspectiva parece trazer a dimensão reatualizada da juventude como portadora do novo e, portanto, responsável pela transformação da sociedade (IBASE/POLIS, 2005; Boghossian & Minayo, 2009; Castro, 2008; Augusto, 2008).

Minha intenção neste trabalho foi de, também, colocar a ideia de reinvenção da política pelos jovens em suspensão, desconfiando dessa perspectiva e, assim, surgiu o questionamento se de fato os jovens reinventam a política ou se essas outras formas de participação apontariam para uma prescrição de lugares e desenhos de participação para a juventude, principalmente, em relação à juventude pobre, reduzindo, com isto, a capacidade de interpelação deste grupo social dos espaços públicos e das relações de poder; dito de outra maneira, se e como nestes espaços os jovens se posicionam, diante de uma visibilidade agregada à juventude pobre pela negatividade e/ou como problema social.

Foi importante para este trabalho compreender a participação da juventude associada à categoria geracional, principalmente a partir do conceito de adultocentrismo, por entendê-lo como uma lógica hegemônica, impeditiva do reconhecimento dos jovens enquanto atores sociais e políticos. As leituras, inclusive de apatia e desinteresse dos jovens pela definição do bem comum, parecem ser uma chave explicativa de leitura, que os coloca, dentro de uma

lógica comparativa com o adulto, como aqueles irresponsáveis e não preocupados com questões importantes, principalmente no campo do político.

Esta concepção dos jovens como sujeitos irresponsáveis leva à justificativa de controle e tutela sobre a juventude, a qual deverá ser conduzida e colocada na direção do que é considerado legítimo pela geração adulta. Por outro lado, o debate sobre outros espaços de participação da juventude também pode trazer naturalizações e formas prescritas e reguladas pelas quais estes jovens podem participar. Isso me lembra da fala de uma pesquisadora, Mary Castro, em uma mesa de discussão, durante um evento sobre Psicologia Social (15º Encontro Regional da ABRAPSO Minas, 2006), que discutia sobre participação da juventude: “- Será que o *hip hop* abala o congresso?”.

Até que ponto não poderia estar ocorrendo um mecanismo de prescrição das formas e dos modos através dos quais os jovens poderiam participar politicamente, principalmente os jovens de periferia, por exemplo, através do *hip hop* ou da igreja pentecostal? No caso do *hip hop*, o ingresso dos jovens, ao deslocarem a política para o campo da cultura, também poderia implicar uma estratégia enquanto saída para um espaço de atuação com menos controle, prescrição e regulação de suas participações. Entretanto, pensar o contexto da religião pentecostal, traz outros elementos, devido ao lugar de controle que este espaço representa.

Assim, o que significa aceitar participar do espaço da igreja, um espaço hierarquizado, com tantas prescrições do que seja certo e errado, inclusive de manutenção de valores sociais e de como deve ser a forma correta de viver e estar no mundo?

Principalmente a partir da observação de que nos espaços das igrejas pentecostais, muitas vezes são reproduzidas hierarquias, tutela e controle sobre estes jovens, levou-me a pensar sobre os sentidos produzidos para as suas formas de participação social, e o que os leva a continuarem participando, principalmente tendo em vista os processos de subordinação a que esses jovens são submetidos, dentro e fora da igreja. Como e, se eles têm percebido e se posicionado acerca das relações hierárquicas estabelecidas naquele contexto e buscado novos horizontes de inserção social, pautados no jogo de equivalência e diferença foram questões que orientaram este trabalho.

Como pensar a resistência desses jovens, se é que ela existe, se os espaços dos quais têm aceitado participar são tidos como lugar de *salvação* para eles, dentro de uma lógica do adultocentrismo, impondo modos de ser e viver? O objetivo deste trabalho foi contribuir para a melhor compreensão dos mecanismos impeditivos e constrangedores para a inserção da juventude hoje, principalmente a de periferia, nos espaços de participação. Foi intenção deste trabalho, também, identificar como esta juventude tem se posicionado e transitado dentro das

instituições religiosas, se e como tem buscando a possibilidade de se inserir mais ativamente nestes espaços (igrejas pentecostais) que parecem ser percebidos pelos jovens como espaços possíveis.

Para essa problematização, faz-se necessário destacar nesta discussão, a concepção adultocêntrica sobre os jovens, principalmente os jovens pobres, em virtude do discurso de oferecimento de proteção diante de tamanha desigualdade social (e, de fato, a lógica da proteção social se reveste a serviço da manutenção das relações sociais). Contudo, a correção necessária que o jovem denuncia não é para si mesmo, indica para concepções de sociedade e organização das relações sociais, e se procuramos pela participação política da juventude, precisamos reconhecer nos próprios jovens as alternativas de resistências produzidas ou que imaginam para si, escolhas que podem escapar a certa regulação e prescrição de modos de ser, tanto na vida pública, quanto na vida privada.

Não estou aqui propondo um retorno a concepções, principalmente dentro da psicologia, que buscaram a compreensão dos fenômenos de forma mais individualizante, pois pensar estes jovens em relação às instituições em que estão inseridos e as formas pelas quais este fenômeno nos diz sobre os processos de desigualdade social foi um ponto que pretendi abordar neste texto.

Assim, o meu foco não foi tanto nas crenças e no caráter existencial da vivência religiosa, mas compreender os mecanismos envolvidos na difusão da concepção de sociedade e de ser humano das igrejas pentecostais/neopentecostais em que me inseri nesta pesquisa, concepção esta pautada em princípios de solidariedade, mas também em uma leitura maniqueísta e transcendental do mundo entre o bem e o mal e, principalmente, em uma *teologia da prosperidade*<sup>1</sup>, buscando trazer para o debate como estes princípios têm impactado (ou podem impactar) o cotidiano desses jovens em suas relações sociais.

Compreender como a participação nos espaços da religião, vinculada à vida cotidiana traz ou não possibilidades de resistência à naturalização de determinados lugares sociais de *violência, desvio e delinquência*, atribuídos aos jovens, principalmente de periferia, ou afirma relações de subordinação. Mas, evitando cair na armadilha de uma dicotomia, foi importante o entendimento de como a participação religiosa de jovens vem promovendo possibilidades de

---

<sup>1</sup> A Teologia da Prosperidade tem como pressupostos básicos que todos são filhos de Deus, portanto herdeiros de sua infinita possibilidade de se ter uma vida boa, não só economicamente, mas também, em termos de saúde e felicidade. Mas cabe ao crente exigir sua benção de Deus e tomar posse dela, porém para realizar esta negociação com Deus, precisa cumprir sua parte no trato: ter fé e contribuir com dízimos e ofertas, como no ditado popular (é dando que se recebe).

diversidade das estratégias cotidianas de participação, que podem, inclusive, conjugar aspectos de resistência e subordinação, ou mesmo a possibilidade de uma resistência sutil, que, em um primeiro momento apareça como subordinação, mas na verdade, possa dizer de formas invisibilizadas de buscas pela autonomia.

Contudo, mais do que ficar pré-afirmando que a religião é boa ou má, cabe a nós e à Psicologia Social (campo em que se insere essa pesquisa), discutir com que projeto de sociedade a inserção dos sujeitos na igreja colabora para a construção de processos de participação da juventude pobre e favelada em contextos de desigualdade e, nesse sentido, que saídas são construídas e/ou reproduzidas nestes contextos de inserção social. Desse modo, o objetivo geral, nesta pesquisa, foi o de compreender a dinâmica interna e externa da participação de jovens na igreja pentecostal, e em que ela pode nos auxiliar para a compreensão das desigualdades brasileiras e das possibilidades de participação da juventude pobre, atentando para como e se essas participações caminham no sentido da transformação ou reprodução social das experiências desses jovens.

A finalidade foi problematizar a participação da juventude dentro dessa instituição tão marcada pela hierarquia, mas também estar atenta às saídas colocadas pelos próprios jovens; se e como outros projetos de sociedade são vislumbrados para além dos colocados pela igreja e porque os jovens têm permanecido nas igrejas pentecostais. Isso pode significar que, apesar do controle e da tutela apresentados neste contexto, as vivências ali experimentadas podem estar sendo transformadas em outras possibilidades de vivenciar a religião. Podemos pensar também em uma juventude conservadora buscando preservar e legitimar valores mais tradicionais dentro da sociedade.

## ***METODOLOGIA***

A etnografia inseriu-me, portanto, num campo de disputa de sentidos sobre a juventude e seus processos de participação. Nesse encontro com a experiência juvenil, por meio da (re) leitura do grupo, reconheci uma concepção hegemonizada sobre a juventude: uma articulação discursiva juventude pobre/criminalidade e sexualidade precoce é fortalecida nos discursos dos membros da igreja e também dos próprios jovens, e constitui arcabouço que legitima relações de opressão naturalizadas e sustentadas pelo crivo da adultocracia, que tem o jovem como incapaz e incompleto. Essas leituras naturalizam e corporificam as desigualdades sociais, naturalizando a heteronomia das populações que vivem nas periferias brasileiras. Fica para mim, o fato de que a significação da juventude não pode se reduzir, no

perigo de se naturalizar enquanto um conceito acabado e a-histórico, descontextualizado das relações sociais vivenciadas por este grupo (Mayorga, 2006).

Diante disto, a busca etnográfica se consolida por meio do trabalho de campo. No entanto, o campo deve ser compreendido para além do local onde o pesquisador irá se inserir. Vale destacar, a demarcação de um campo tem a ver com a escolha da temática da pesquisa, bem como a forma de coletar dados, em que os sujeitos e/ou grupos específicos compõem o cerne principal. Por isso, para apreender a perspectiva do grupo estudado por meio de um processo de uma maior aproximação, escolhi a etnografia, por entender que me permitiria realizar uma maior aproximação e um tempo de maior interação junto ao grupo.

Assim, acredito que a abordagem metodológica escolhida para esta pesquisa propiciou a análise e interpretação sobre os jovens pobres, produzindo sentidos em sua participação nas comunidades religiosas em que estão envolvidos, sendo adequada para a compreensão dos sistemas de significação que estão dando sentidos para as vivências de participação social dos jovens no espaço da religião pentecostal/neopentecostal, além de suas articulações com o contexto social mais amplo.

O trabalho de campo na etnografia se estrutura pelo uso de várias técnicas e estratégias para a produção de dados, dentre elas, duas são fundamentais: a observação participante e o diário de campo. Nesta pesquisa, realizei uma observação participante nos cultos, nas atividades dos grupos de jovens, reuniões, e também a escolha de alguns jovens e adultos para a realização de entrevistas. A seguir, detalharei o percurso de cada um desses procedimentos no contexto da minha pesquisa.

A técnica de observação participante se desenvolveu por meio do contato direto com os sujeitos da pesquisa, com a finalidade de obter informações sobre sua realidade em seus próprios contextos, possibilitando uma maior interação com os pesquisados, permitindo-me participar das atividades da igreja ao circular pelos espaços e acessar as atividades desenvolvidas pelo grupo estudado. Desta forma, a observação participante auxiliou na integração das ações com as representações e a na percepção das contradições entre as normas/regras e as práticas vividas cotidianamente pelos pesquisados (Minayo, 1998).

Como exemplo destas contradições, uma jovem manifestou para mim opiniões negativas sobre o *funk*, sobre o quanto, em sua opinião, ele desvaloriza as mulheres; posteriormente, pude observá-la combinando com uma amiga na porta da igreja um encontro em um evento onde haveria apresentação de *funk*. Os pontos selecionados em minha observação participante eram: identificar como os jovens se posicionavam dentro da igreja, o que faziam e, como circulavam e negociavam suas pautas; quais eram suas funções e

participações nas atividades da igreja; como eram estabelecidas suas relações com os adultos; onde se posicionavam fisicamente no momento do culto; que assuntos sobre seus cotidianos eles abordavam; e como interagiam com os adultos dentro daquele contexto.

Todo o processo da coleta de dados foi registrado em um diário de campo com vistas a uma descrição dos acontecimentos, mas também a uma interpretação e percepção das dinâmicas estabelecidas entre pesquisadora e pesquisados no decorrer do estudo, o que me auxiliou na análise definitiva dos dados. O diário de campo revelou-se um instrumento complexo, ao permitir o detalhamento das informações, observações e reflexões parciais no decorrer da investigação ou da situação observada. Procurei relatar aquilo que ouvi, presenciei, vivenciei e pensei no decurso da produção de dados (Bogdan & Biklen, 1994).

Anotei todas as observações sobre fatos concretos, fenômenos sociais, acontecimentos, relações verificadas, experiências pessoais do investigador, bem como as minhas reflexões e hipóteses a respeito deles. Nesse sentido, relatei situações importantes acontecidas no meu percurso dentro da igreja, e que poderiam se articular com o meu problema de pesquisa. Assim, descrevi, por exemplo, a posição da igreja diante do assassinato de um jovem e de seu tio por policiais no Aglomerado da Serra<sup>2</sup>, fato que gerou um intenso protesto dos moradores daquela favela. Na igreja, fez-se uma leitura sobre a proximidade do “*final dos tempos*”, foi exibido um filme sobre essa temática e apresentou-se uma interpretação maniqueísta da luta entre bem e o mal na Terra, dificultando a possibilidade de construção de uma concepção mais política e reflexiva sobre o fato, ou seja, no diário de campo registrava, também, perguntas, sensações, hipóteses e interpretações.

Realizei nove entrevistas no total, sendo duas com adultos e sete com jovens. As entrevistas foram conduzidas por mim, gravadas e transcritas. Informava aos jovens escolhidos os objetivos da entrevista e também os motivos da escolha de seu nome para participar. Algumas entrevistas duraram entre duas a três horas, o que demandou que eu encontrasse os jovens mais de uma vez para finalização das mesmas. Somente com duas jovens, as entrevistas ocorreram dentro da igreja. As outras aconteceram em suas casas ou no local de trabalho dos entrevistados. A escolha de dois adultos justifica-se pela importância de se apreender uma visão mais institucionalizada das características e do histórico da instituição religiosa, da missão da igreja, do posicionamento e das concepções da igreja em relação aos

---

<sup>2</sup> O Aglomerado da Serra é uma favela localizada na região centro-sul de Belo Horizonte, composta por um conjunto de sete vilas localizadas na orla da Serra do Curral, próximo aos limites ao sudoeste de Belo Horizonte com o município de Nova Lima. Possui uma área de 1,4 milhão de metros quadrados e uma densidade demográfica de 26.482,13 hab/km<sup>2</sup>.

jovens e da existência (ou não) de um projeto explicitado da igreja em relação à juventude. A escolha dos jovens para a entrevista (três homens e quatro mulheres) se deu em virtude de seus envolvimento no contexto da igreja. Eram jovens que exerciam alguma função dentro da igreja, estando sempre presente nos cultos e em outras atividades, pois assim, em virtude de sua maior presença e participação na instituição, poderiam ter um entendimento do que queriam em suas participações.

Quanto às entrevistas dos adultos (vice-presidente da IBRV e uma liderança feminina que estava tentando implantar um trabalho com os jovens da igreja, principalmente pré-adolescentes e crianças), estas também ocorreram dentro da igreja. Para elaboração das entrevistas realizei um roteiro que foi dividido em três grandes eixos. Primeiramente, uma caracterização pessoal e um histórico de participação na igreja, contendo elementos como motivações e influências desta participação na vida cotidiana. O objetivo foi explorar o que esses jovens buscavam na religião, se seu envolvimento na igreja estava relacionado com sua vida cotidiana em outros espaços além desta e o que os mantinham associados à igreja. No segundo eixo, informações sobre as dinâmicas interna e externa do grupo, ou seja, seu histórico, conflitos e dilemas internos e externos, missão, objetivos, ações, conquistas e retrocessos. Como não existia naquela igreja, um grupo de jovens como a mocidade, a ideia era articular estas questões a partir da experiência juvenil naquele contexto. Busquei identificar se e como se davam a construção de identidades e de projetos coletivos de sociedade e de atuação dentro e fora da comunidade, e o estabelecimento de fronteiras entre nós e eles. E, por fim, um eixo de concepções sobre a juventude e participação, cujo objetivo era explorar as possíveis articulações entre ser jovem e participar da igreja, e o que isso representava em termos da especificidade da participação da juventude neste contexto.

### ***A Participação Social de jovens pentecostais em contexto de favela***

Percebemos que a leitura da participação social desses jovens pobres pentecostais demonstra-se complexa, frente às muitas variáveis que encontramos. Assim, se no primeiro momento poderíamos falar de um contexto de controle que os subordinam, muito mais do que possibilita autonomia, por outro lado, olhando as filigranas de suas inserções e envolvimento nesta igreja pentecostal, percebem-se os movimentos de reflexão e busca de ações, com objetivos de conquistas de certa autonomia e possibilidade de interferência neste espaço. Segundo Melucci (1995) *os jovens se mobilizam para retomar o controle sobre suas próprias ações, exigindo o direito de definirem a si mesmos contra aos critérios de identificação*

*impostos de fora, contra sistemas de regulação que penetram na área da “natureza interna.* (1995, p.13).

Os jovens começam a perceber que participar ali, não é somente ir e deixar os outros dizerem o que é *bom e certo* pra eles, é evidente, que existi espaço para realizar um momento catártico para as suas angústias e sofrimentos, mas também, eles começam a demarcar aquilo que os interessam, negociar suas pautas por uma igreja que tenha a *cara deles* e a compartilhar suas privacidades passando a entender determinadas humilhações sociais como direcionadas a todo um grupo social.

O envolvimento dos jovens diz de um processo de adesão dos indivíduos nas organizações e instituições sociais, mas que deve implicar em ações e atitudes que podem tanto ser passivas quanto ativas, que os envolvam em questões relacionadas a seus espaços de atuação e de capacidade de intervir nos locais e organizações em que se encontram inseridos.

A participação desses jovens neste contexto se constitui enquanto uma participação social, na medida em que esses jovens podem, mesmo dentro de um contexto de controle e tutela, refletir sobre os seus lugares sociais, articulando identidades de jovens evangélicos em relação aos seus pertencimentos de classe e local de moradia. Na igreja, buscam recursos que não encontram em outros lugares de inserção na tentativa de construírem uma identidade positiva e buscando soluções dos problemas enfrentados, mesmo que, em uma dimensão mais individualizada, no entanto, tem ocorrido o que identificamos como compartilhamento e reflexões sobre situações de subordinação e inferiorização social.

Percebe-se que esses jovens vão identificando o conflito geracional também atrelado ao seu pertencimento de classe, local de moradia e gênero que, os fazem pensar sobre os seus lugares e condições sociais. A partir dos dados de campo observamos que o espaço da religião pentecostal envolve certo contexto propício e, que tem sido percebido pelos jovens enquanto indicativos de possibilidades e/ou impossibilidades de suas atuações. Este lugar, com seus incentivos e valorização desses jovens, tem propiciado a construção de um capital social que os tem permitido criar possibilidades de atuação no mundo com certo grau de autonomia.

Assim, a participação social também, envolve a problemática do poder, mas, suas ações não chegam a interpelar de forma antagônica exigindo mudanças de concepções de mundo ali estabelecidas. Isso significa dizer que a participação social dos jovens, que identifiquei nesta pesquisa, traduz-se em oposições, contestações, modos de sobreviver, recusa, negação, também, pode indicar um movimento de indignação pessoal, sem com isso romper com os limites do sistema (Melucci, 2001), ou seja, sem problematizar em que medida esses atos colocam em xeque as lógicas de sustentação do status quo da ordem social vigente.

O quanto parece importante para eles poder falar de determinadas situações vivenciadas e poder, através do aparato fornecido pelo que a própria religião pentecostal propaga, - ser especial e possuidores de capacidade para construir algo -, vão negociando nas brechas possíveis formas de construir um espaço e, uma igreja com aquilo que eles acham importante para eles e, para os outros jovens da favela. Nesse sentido, possibilita a eles próprios, diante de tanta humilhação e violação de direitos, sentirem-se reconhecidos, do ponto de vista do direito, a ter dignidade e estima social.

As perspectivas dos jovens na participação social através da religião pentecostal buscam renegar uma trajetória anunciada e quase determinada colocada em forma de destino natural para esses jovens, - *entrada no crime para os meninos e ser puta e/ou gravidez precoce para as meninas* -, são realocadas a partir de seus projetos de vidas e busca de estima social e pelo direito de fala e reciprocidade de suas demandas e vozes anunciadas na participação social desse grupo por meio deste espaço da religião pentecostal.

Mas, o sentido da regulação social não se reduz apenas ao espaço da igreja, estendendo-se à suposta espontaneidade das relações sociais e suas expressões e práticas cotidianas. Contudo, é pela via da regulação que os jovens têm encontrado possibilidade de emergência de conflitos e de busca de brechas para colocar suas demandas naquele contexto.

A função dessas igrejas pentecostais passa ser a de regulação das ações e formas de ser e expressar desses jovens, bem como de difusão de uma lógica meritocrática e individualista imposta por uma política neoliberal, na resolução dos problemas, frente ao contexto de nossa desigualdade social brasileira. Somado as consequências geradas dos processos de expansão e fortalecimento das políticas neoliberais, a falta de espaços para fazer coisas coletivamente, de se encontrar para fazer coisas juntos, compõe o cenário que tem levado os jovens a participarem de igrejas pentecostais, quase se impondo como uma das poucas possibilidades destes jovens, as igrejas terminam se constituindo lugares de sociabilidades, lugar possível do encontro, da troca e que garante uma certa proteção a esses jovens diante de identidades tão estigmatizadas.

Os jovens aqui estudados vão vivenciando e se posicionam frente às hierarquias sociais e às relações de poder, principalmente a partir da igualdade colocada nas bandeiras do cristianismo, mas isso não significa que ela será garantida para todos. Uma suposta igualdade convive com a desigualdade social concreta e assim, esses jovens se sentem injustiçados diante de um pressuposto de igualdade que não se efetiva no cotidiano das relações sociais e tem lançado mão desse mesmo pressuposto como possibilidade de nomear vivências de desrespeito e de injustiça social. Abrem-se aí brechas para que os jovens comecem vislumbrar

certo sentimento e desejo do direito de participar das definições e formas de organizações da igreja, principalmente relacionadas às questões da juventude ali presentes.

Assim, a participação social se constitui marcada pela necessidade de se sentirem vistos e mais do que isso, reconhecidos socialmente, reconhecidos para além dos estigmas que recaem fortemente sobre eles. Esta atitude é explicada ao pensarmos no engajamento dos jovens na igreja pentecostal com uma função que arranca esses jovens de uma situação paralisante de rebaixamento, muitas vezes passivamente tolerados, proporcionando-lhes, assim, uma autorrelação nova e positiva quando, por exemplo, resolvem se posicionar diante dos chefes no trabalho, criticarem as lideranças adultas que os colocam em situação de tutela, refletem sobre suas lesões morais vislumbrando saídas para essas situações, exigem um sincretismo entre a cultura do hip hop e a cultura da igreja pentecostal. Em outras palavras, o envolvimento no espaço da religião pentecostal tem levado os jovens a encontrarem um respeito social, o que tem contribuído para construção de um autorrespeito e, com isso, a possibilidade de se sentirem capazes até de intervir nos espaços e relações a sua volta com um pouco mais de autonomia frente aos processos de regulação vivenciados (Honneth, 2003).

É através desse reconhecimento das relações de injustiça que tem surgido uma tentativa de reagir e denunciar a situação e/ou lugar social desigual aos quais esses jovens encontram no âmbito das suas inserções e tentativas de participação social. A percepção de injustiça, bem como da falta de reciprocidade e equivalência das suas posições e demandas, dentro da igreja a qual participam, tem se constituído em mobilizadores de questionamentos e reflexões dos seus pertencimentos sociais, à medida que torna evidente que outros atores sociais têm prometido inserções de acessos e estímulos a sua participação, mas, nas ações concretas do cotidianamente vivido, existe um impedimento de realização dos seus projetos e ações, que são boicotadas e paralisadas em nome da necessidade de um adulto que dê credibilidade e legitimação as propostas juvenis.

A partir do exposto, entendemos a construção de identidades dos jovens enquanto reação, mais ou menos coletiva, frente às percepções de não reciprocidade e equivalências nas relações sociais com os adultos sejam eles da igreja, do Aglomerado da Serra, mas também fora destes espaços e atravessados pelos seus pertencimentos de local de moradia e pobreza. Olhar para essas saídas que os jovens têm conseguido realizar, muitas vezes sutis, que no primeiro momento pode parecer muito mais uma conformação a ordem social vigente, mas que diz do contexto em que estão inseridos e, de como podem a partir das oportunidades para ação, buscar voz e legitimidade para inserções com mais pró-ativas.

Mesmo que essas ações sejam ainda colocadas no campo do outro, e que a saída possível, seja para esses jovens tornarem-se adultos, renegarem seus lugares, quando, por exemplo, introjetam determinadas posições negativas sobre o que é ser jovem. Mas, ao mesmo tempo, posicionam-se frente a não permissão de introduzir na igreja aquilo que diz de sua cultura, o hip hop, por exemplo, ou ainda quando se posicionam de forma negativa sobre o funk e paralelamente, marcam de ir a um show desse estilo musical. Isso representa, a renúncia de um lugar tão marcado pela negatividade, em que se posicionar de certa forma, em consonância com o discurso do outro, torna-se estratégia para demarcar uma outra forma de ser jovem, que não pelo viés da inferiorização e, conseqüentemente, a busca de uma forma que tenha legitimidade para interpelarem suas demandas e questões com alguma ressonância que ganhe legitimidade.

Propõem assim, certo sincretismo da religião pentecostal com elementos da cultura de seus espaços. A juventude de favela já vem se apresentando e sendo reconhecida por colocar suas marca através do hip hop como uma cultura específica de periferia. Nesse sentido, os jovens pentecostais querem a todo custo inserir e dar essa cara para as suas participações dentro da igreja, mas também fora dela. Isso, não é algo novo referente somente a este grupo especificamente. Outras igrejas, já trabalham com isso, como também grupos de hip hop gospel aparecem no cenário como mais um oportunidade de configuração em que a juventude pobre vai imprimindo sua marca na forma de vivenciar e se inserir no espaço da religião. Esta está sendo uma negociação importante desses jovens naquele contexto e que tem sido vista com muita desconfiança pelas lideranças adultas da igreja.

Mas, não podemos deixar de trazer a função que as igrejas pentecostais/neopentecostais têm adquirido nestes espaços. O espaço da igreja pentecostal tem sido o de transmissora de valores, muito mais individuais, estabelecendo certa difusão do neoliberalismo no social, além de perpetuar uma lógica adultocêntrica, mas tem permitido aos jovens, justamente por operar dentro de uma perspectiva de valorização e restituição de reconhecimento social, a construção de identidades mais positivas. Vale destacar que esta valorização funciona como certa estratégia de atração e manutenção dos jovens dentro das igrejas, no entanto, na contra mão, os jovens também tem utilizado suas estratégias frente às regulações deste espaço. Assim, mesmo quando os jovens se posicionam apropriando-se de concepções negativas sobre a juventude, na realidade observamos que eles estão renegando esta forma de ser jovem.

Isto diz das motivações dos jovens em permanecer em um lugar marcado por uma regulação e constrangimentos de seus projetos e ações. Aqui vale ressaltar que a questão do reconhecimento social tem sido um dos principais motivos da permanência deles nesse contexto, esse sentimento de valorização vivenciado, sentimento de tornar-se capaz, os projetam em uma série de reflexões, a partir de ambiguidades colocadas neste local, como por exemplo, ser valorizado e reconhecido enquanto conquista da sua estima e respeito social mas, ao mesmo tempo, ser colocado em um lugar de tutela e vigia o tempo todo. Neste momento, a vivência dos jovens na igreja é acompanhada por uma quebra de expectativas, em que esses jovens percebem que os discursos do reconhecimento e valorização deles não estão sendo tão garantidos assim, havendo uma relação de desigualdade em que estão colocados em uma relação de subalternidade dentro daquele contexto.

Mas, esses lugares são resignificados por eles, como lugar para elaboração e conquista de recursos simbólicos e capital social que os colocam frente à restituição de uma identidade positiva deles mesmos, querendo e exigindo o direito a conquistar a concretização da suposta igualdade colocada pelo princípio cristão e que está presente na igreja pentecostal em um discurso de todos são iguais diante de deus, este não quer ver os seus fiéis sofrerem, é a ideia que a gente fala do céu aqui na terra (fala de um dos jovens da IBRV).

A construção de identidade desses jovens tem sido um projeto de si mesmo, estabelecido a partir de relações de reconhecimento social e de deslocamentos, daquilo que os jovens deste contexto vão topando por em disputas e conflitar renegando uma trajetória somente para si, mas, também, daquilo que eles colocam enquanto permanências e reproduções lidas a partir de uma leitura transcendental do entre o bem e o mal. Nesse sentido, a igreja pentecostal tem se constituído como importante espaço socializador, também no sentido de manutenção de determinados valores, em que alguns grupos sociais têm sido colocados em lugares de inferiorizações sociais e assim, possibilitando impedimentos para a caminhada em busca de um processo de uma democratização mais plural e diversa das formas de ser e expressar dos grupos e indivíduos na sociedade.

Se por um lado, não podemos negar que a participação através da igreja tenha gerado sentido para esses jovens, principalmente, por colaborar com a desconstrução de seus pertencimentos relacionados à classe e local de moradia, por outro lado, em relação à outras categorias colocadas no campo da sexualidade e gênero e diversidade sexual permanece o desafio enquanto algo a ser inferiorizado por estes grupos, levando esses jovens a construir suas identidades a partir de elementos negadores de direitos a outros grupos. Identidades essas que vão se diferenciando de outras mas, no discurso que circulou, podemos identificar

que esses jovens, muito pontuados pela ideia da igualdade começam a falar em direitos e a realizar uma diferenciação entre o campo espiritual e o lado humano, o que pode indicar um certo entendimento de laicidade que deve reger a vida humana, garantido o direito de todos. Mas, a concepção deles em relação aos papéis sociais da mulher e principalmente quanto à homossexualidade é fortemente marcada por uma não aceitação de processos de autonomia e direito de existir desses grupos classificando-os dentro de um código moral.

### ***CONSIDERAÇÕES FINAIS***

O objetivo deste texto foi abordar as possibilidades/impossibilidades da religião pentecostal enquanto espaço de participação juvenil, bem como, as formas pelas quais os jovens pobres e de favelas se posicionam diante de um contexto que parece ser de regulação e prescrição de comportamentos e práticas sociais. Nesse sentido, não foi intuito desta dissertação generalizar resultados, e sim, elencar alguns pontos de reflexão acerca do entendimento dessa temática, buscando contribuir para o campo de conhecimento sobre a participação de jovens pobres e de favela, como, também, para estudos sobre a desigualdade social. Para isso, foi necessária, durante o percurso da elaboração da escrita dessa dissertação, uma postura reflexiva contínua que permitisse contribuir para a desnaturalização de processos e lugares sociais de inferiorização que são atribuídos aos jovens pobres e de favela gerando uma desvalorização e classificação social de suas práticas e ações.

Embora não nomeiem suas participações enquanto algo que tem tido alcance político e de interpelação, eles têm construídos formas de utilizar os recursos oferecidos pelas igrejas pentecostais (reconhecimento social, incorporação e exigência do ideal do princípio de igualdade, aprendizados de instrumentos musicais, aprendizados de coordenação de reuniões e pessoas, redes de solidariedade, dentre outros) para interpelar e refletir sobre seus lugares dentro e fora dela. Vislumbram possibilidades, pautadas no princípio do altruísmo pregado pela igreja, preocupam-se em buscar saídas que possam ser mais coletivizadas: *“se a gente vê as pessoas se afundando e, não faz nada, o buraco vai ser bem maior. É a possibilidade de melhorar o nosso bairro. As igrejas por defenderem as bandeiras do evangelho, desejar bem ao próximo, por desejarem que os outros estejam bem, livre da morte, livre de doenças, livre de ter que interromper todos os seus projetos, eu acho que isso faz parte de nossa função...”* (fala de um dos jovens entrevistados).

Ao interagir neste contexto, tivemos a oportunidade de vivenciar angústias e prazeres. Angústias ao escutar desses jovens afirmações como “o que me resta se não for à igreja”, frente tamanha situação de subordinação em outros espaços. Mas, ao mesmo tempo, tivemos o prazer de escutar esses jovens contarem suas histórias, relatarem suas conquistas e, também suas lutas e enfrentamentos buscados na tentativa de se sentirem reconhecidos e, nas palavras de Jessé de Souza, sentirem-se gente. Fica a questão: seria a religião o melhor dos espaços da participação desses jovens? Parece que não. Porém, através dela, os jovens têm conseguido vislumbrar outras possibilidades que – mesmo ainda em uma dimensão da reflexão, sem uma ação mais organizada – os têm colocado em posição de uma maior autonomia frente aos processos de subordinação vivenciados.

Diante do exposto, precisamos pensar em pesquisas que contribuam para processos de transformação social dos contextos em que se inserem esses grupos, contribuindo para a construção de uma vida com mais dignidade para os jovens pobres e de favela e que superem a centralidade dos estudos acerca das desigualdades sociais sobre sujeitos sociais. Tal centralidade tem servido muito mais para a construção de regulação e justificação dela sobre esse grupo e gerado mais preconceitos e estigmas deles.

Nesse sentido, essa dissertação pode contribuir para a produção de teorias e práticas sociais em psicologia social não assistencialista e naturalizada em relação à participação de jovens pobres, de favela, da pobreza e das concepções sobre a religião pentecostal no Brasil. A inserção dos jovens favelados via igreja pentecostal nos sinaliza todo um emaranhado de mecanismos pelo qual a sociedade se torna o que é, não como algo dado a priori, mas sim, através de um processo constante de negociações e reconfigurações.

## ***REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS***

Augusto, N. M. (2008). A juventude e a(s) política(s): desinstitucionalização e individualização. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.8, 155-177.

Bogdan, R. C. & Biklen, S. K. (1994). Notas de campo. In R. C. Bogdan & S. K. Biklen *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos* (pp. 150-175). Porto: Porto Editora.

Boghossian, C. O. & Minayo, M. C. de S (2009). Revisão sistemática sobre juventude e participação nos últimos 10 anos. *Saúde Soc.* 18(n.3), pp. 411-423. Recuperado em 07 de abril de 2011 de <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v18n3/06.pdf>.

- Castro, L. R. (2008). “Être jeune”: puissance vers où? Le lien social dans le contexte contemporain des inégalités sociales au Brésil. In Être en Société: Le Lien Social À L'épreuve Des Cultures. VIII Ême Congrès International des Sociologues de Langue Française. Istanbul, 7 au 11 juillet 2008.
- Honneth, A. (2003). Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais. SP: Editora 34.
- IBASE/POLIS (2005, novembro). Juventude Brasileira e Democracia – participação, esferas e políticas públicas. Silva, I. (Coord.), Recuperado em 10 de novembro de 2011, de [www.ibase.br](http://www.ibase.br) e [www.polis.org.br](http://www.polis.org.br).
- Mayorga, C. A. (2006). Identidades e adolescências: Uma Desconstrução. Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais, 1(1), 1-20. Recuperado em 03 de setembro de 2011, de [www.XX.org.br](http://www.XX.org.br).
- Melucci, A. (1995). Juventude, tempo e movimentos sociais. Revista Brasileira de Educação, n. 5/6, 5-14.
- Melucci, A. (2001). A invenção do presente – Movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis: Vozes.
- Minayo, C. S. (1998). O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/ABRASCO.